

Sustentabilidade no agronegócio brasileiro: cenários, desafios e oportunidades

MAURÍCIO ANTONIO LOPES

Presidente da Embrapa

Os desafios que enfrentaremos são enormes. Temos de avançar de forma objetiva e pragmática, e creio que as condições estão aí para que possamos fazê-lo. Na questão da trajetória recente da agricultura brasileira, concordo que muito já realizamos e pouco temos feito para mostrar isso ao mundo. Tenho participado de vários eventos internacionais. Recentemente estive em Bruxelas, numa discussão da política comum na União Europeia para a agricultura, e fiz uma apresentação sobre a trajetória da agricultura brasileira nos últimos 40 anos. As pessoas ficam estupefatas quando falamos que é possível fazer integração lavoura-pecuária-floresta no Brasil. Acham que se fizermos isso seremos imbatíveis.

O fato é que a agricultura brasileira teve uma trajetória extraordinária nos últimos 40, 50 anos. Há 50 anos o Brasil era conhecido como grande produtor de café e açúcar, e num espaço de tempo curto conseguiu realizar muito. Importávamos alimentos básicos, e hoje não importamos. Talvez a última grande fronteira seja o trigo, cereal que o Brasil ainda tem que tropicalizar, pois

ainda somos muito dependentes. Mas em todas as demais culturas fizemos muito. Muitas escolas do Norte diziam, pelos anos 40, 50, que não valeria a pena fazer agricultura nos trópicos, que os ambientes tropicais eram muito desafiadores para a agricultura. Achavam que era melhor deixar os países de clima temperado produzirem alimentos e suprirem o mundo e nos Trópicos simplesmente conservar a diversidade. O Brasil foi capaz de desmentir essa tese de

forma brilhante, mas ainda temos grande dificuldade de mostrar isso de forma eficiente para o mundo.

Expansão do Plantio Direto

Na Eco 92, o Brasil plantava quatro milhões de hectares de plantio direto. Na Rio+20 chegamos próximo de 30 milhões de hectares - praticamente a metade da área do Brasil plantada com grãos em plantio direto. Isso é uma agricultura segura, uma agricultura verde, é agricultura produzindo água limpa. Coisa que precisaremos aprender a qualificar, a valorar e usar como métrica para fortalecer o nosso agro-



“As demandas vão crescer muito, os alimentos terão que ser mobilizados ao redor do mundo”

“O Código Florestal nos mostrou, no fim das contas, que conhecemos ainda muito pouco da nossa base de recursos naturais

negócio no âmbito global. Quando revisito essa trajetória dos últimos 30, 40 anos, vejo que o Brasil foi capaz de tropicalizar cultivos importantes, foi capaz de acessar e transformar, no Cerrado brasileiro, solos ácidos e extremamente pobres em grandes extensões de solos férteis, comparados ao solo do Delta americano, com produtividades similares.

Matérias-primas para o mundo

O que fizemos em floresta plantada é um avanço extraordinário. O Brasil precisa aprender a mostrar mais o que é a realidade, a trajetória recente da sua agropecuária, que lhe deu a capacidade de superar o problema de insegurança alimentar. E, mais que isso, se projetar como grande provedor, como um grande supridor de matérias-primas para o mundo, abrindo, inclusive, um espaço enorme para o crescimento do protagonismo do nosso país no âmbito global. Num momento em que há essa grande preocupação - o planeta vai ganhar 2,3 bilhões de pessoas até 2050 - as demandas vão crescer muito, e os alimentos terão de ser mobilizados ao redor do mundo. Isso porque os grandes demandadores do futuro são incapazes de promover aumento na sua capacidade de produção de alimentos. Temos de pensar muito no aprimoramento do sistema de comércio, porque essa é a norma.

Como podemos ser mais protagonistas no processo de comércio internacional, trabalhando de forma inteligente para superarmos os problemas relacionados ao protecionismo? Trabalhando as métricas que vão garantir que os nossos produtos sejam cer-

tificados como sustentáveis. Já avançamos muito, mas temos de construir nossas próprias medidas. Não gostaria de ver no futuro a carne brasileira certificada de acordo com as métricas do Reino Unido, ou da Irlanda, o que é pior ainda. Precisamos desenvolver padrões brasileiros, entender melhor a nossa base de recursos naturais, as limitações que ainda temos, superá-las e elaborar as medidas que nos ajudarão a promover e viabilizar a competitividade dos nossos produtos lá fora.

Densidade nutricional

Garantir a qualidade, a especialidade, o valor, a densidade nutricional dos nossos alimentos, também para a população brasileira, são desafios substanciais a superar daqui para o futuro. Gostaria de abordar, também, a questão da complexidade. Não dá para imaginar um futuro menos complexo do que o presente. Teremos um ambiente cada vez mais complexo para operar, incluindo todas as questões relacionadas à sustentabilidade, em suas três dimensões, mas, em especial, à dimensão econômica. Não dá para pensar em sustentabilidade sem rentabilidade. É preciso ter, sim, sistemas sustentáveis, mas temos de garantir que eles tragam benefícios para as pessoas e para a sociedade. E essa dimensão econômica deve estar vinculada às dimensões social e a ambiental.

Trabalhar esses conceitos de forma eficiente exigirá mais tecnologia e conhecimento. O Código Florestal nos mostrou que conhecemos ainda muito pouco da nossa base de recursos naturais. Este é um imenso desafio para nós, da Embrapa, para as universidades, para o sistema de inovação. Temos de usar mais geotecnologias. Precisamos ser mais eficientes no uso, por exemplo, do zoneamento, da apuração do risco climático, mas teremos de incorporar novas ferramentas, novos conceitos. Creio que o Cadastro Ambiental Rural, esse recurso fabuloso que disponibilizará imagens do *Happy Day* com cinco metros de resolução, nos dará um poder fabuloso, de entender melhor o que é a nossa base de recursos natu-

rais, onde estão as limitações. Trazer o conceito de gestão da agricultura e da agropecuária no espaço geográfico de maneira inteligente e competente, para superarmos os problemas e enfrentarmos os desafios.

Inteligência estratégica

Fico preocupado com o fato de o Brasil falar muito pouco em inteligência estratégica e competitiva. Vivi um ano e meio na Coreia do Sul, onde coordenei o programa de cooperação internacional da Embrapa na Ásia. O que mais me impressionou nesse período foi o uso eficiente e competente que se faz de processos de inteligência nos países asiáticos, como a Coreia e a China. Os coreanos trabalham, planejam e tomam decisão com base em informação sólida sobre futuros possíveis. Um grande número de pessoas, da Coreia e de outros países, trazem informação e conhecimento para substanciar o processo de tomada de decisão do governo. Os coreanos chegam ao extremo de terem um ministério chamado *Ministry of Knowledge Economy*, o Ministério da Economia do Conhecimento, que é o pilar do sistema de inteligência de Estado coreano. Ali se congrega e se integra informação para tomada de decisão. Um exemplo típico são os carros coreanos que chegavam ao Brasil 15 anos atrás com os que chegam hoje. Há uma grande diferença. A base dessa mudança foi um trabalho de inteligência que mostrou para o governo coreano que, se ele quisesse uma indústria automobilística pujante, precisava colocar carro no mercado americano.

Múltiplas realidades e relações

Considerando que essa norma da complexidade deve se consolidar no futuro, teremos de administrar, cada vez mais, sistemas e ambientes complexos, onde lidar

“O Brasil precisa colocar de forma mais definitiva o grande desafio que é estabelecer e fortalecer sistemas de inteligência para o nosso agro”

com logística, marketing etc. vai exigir o conhecimento de múltiplas realidades, relações, modelagem de estratégias muito sofisticadas, para que possamos superar o passivo e dar saltos com rapidez para o futuro.

Acho que o Brasil precisa colocar de forma mais definitiva o grande desafio que é estabelecer e fortalecer sistemas de inteligência para o nosso agro. Tive a oportunidade de visitar, nos Estados Unidos, uma organização chamada *Economic Research Service*, o serviço de pesquisa econômica dos EUA. É uma organização com mil profissionais, dentre eles 460 pesquisadores fazendo trabalho de inteligência em 100% do tempo. O Brasil não pode pensar nada menos que isso: vamos construir as políticas que precisamos, vamos gerenciar essas políticas daqui para o futuro, da forma como elas precisam ser gerenciadas?

Por isso, em todos os lugares aonde vou, falo de inteligência estratégica. Com todo parlamentar com quem falo, repito essa laidinha. E reforço aqui novamente, pois acho que o Brasil deve colocar, definitivamente, no seu mapa de prioridades a construção de sistemas de inteligência. Precisamos fortalecer nossa capacidade de olhar para o futuro, aprender a modelar e antecipar futuros possíveis e, com base nisso, tomar decisões cada vez mais acertadas. Acho que essa é uma condição da qual não podemos nos afastar. 